

Advertência ou exercício de pessimismo

por Pedro Cafardo

de São Paulo

Antes de expor resumidamente os principais pontos da Carta de Conjuntura (nº 2) do Conselho Regional de Economia — São Paulo, o professor Luciano Coutinho, presidente do Conselho, fez uma ressalva: "Não estamos fazendo um exercício de pessimismo, mas uma advertência sobre os riscos da manutenção da atual política econômica".

A ressalva de Coutinho era necessária. Os quatro artigos contidos na Carta divulgada na última sexta-feira pelo Conselho, que representa um importante agrupamento de economistas da oposição, transmitem a impressão de que continua tudo errado na política econômica.

• A política monetária restritiva, segundo Adroaldo Moura da Silva, que escreve o artigo de capa da publicação, está unicamente aprofundando a recessão sem nenhum benefício para a redução da inflação. Para Moura da Silva, é inviável perseguir a meta prometida ao Fundo Monetário Internacional, de uma expansão de apenas 50% na base monetária. A saída seria desistir disso e repensar a política monetária a partir das atuais necessidades e características da economia brasileira.

A contração da base monetária não terá nenhum sucesso, na opinião do economista, numa economia indexada como a brasileira. A insistência nessa política levaria a um "colapso financeiro", porque ativos e passivos crescem na velocidade da inflação, enquanto a base encolhe em relação ao total dos valores a serem financiados.

Moura da Silva propõe uma expansão monetária mais coerente com as necessidades de indexação dos valores financeiros e algumas medidas práticas: o congelamento dos depósitos em moeda estrangeira no Banco Central; a diminuição da liquidez das cadernetas de poupança, com o aumento do prazo de carência para três meses, o que seria compensado por uma rentabilidade maior (juros de 8% ao ano); a proibição da emissão de títulos com correção monetária de prazos inferiores a 180 dias; e redução dos depósitos compulsórios dos bancos.

• Tão contundentes quanto as críticas de Moura da Silva à política monetária são as dos economistas Guilherme Leite Silva Dias e Antônio Carlos Kfoury Aidar à política de crédito agrícola. A persistirem as atuais normas, segundo os dois economistas, haverá uma "queda brutal" na área plantada no próximo ano. "E teremos em 1985 a pior safra dos últimos vinte anos", disse Aidar sexta-feira.

Ele ilustrou sua afirmação com um exemplo: um médio produtor que obteve crédito de Cr\$ 100 milhões devolverá ao banco, em meados deste ano, Cr\$ 215 milhões. Com a inflação de 200%, para plantar a mesma área no próximo ano precisará de pelo menos Cr\$ 300 milhões. Mas terá direito a apenas Cr\$ 180 milhões de acordo com os limites estabelecidos pelo Banco Central.

• No setor urbano da economia, segundo outro artigo da Carta, as previsões são também desalentadoras. Antônio Kandir escreve que não está ocorrendo e nem ocorrerá nenhuma recuperação de atividade industrial, apesar do aumento das exportações. Ele contesta dois argumentos que justificariam essa tendência: o aumento de renda no setor rural e o aumento das exportações. O primeiro seria consequência unicamente do crescimento dos preços agrícolas, o que significa que o aumento da renda do setor rural se dá em prejuízo do setor urbano. O aumento das exportações, embora real, seria compensado pela queda de demanda doméstica.

Além disso, as políticas monetária e salarial restritivas cumprirão o papel de impedir qualquer recuperação.

• Para completar a Carta, Luciano Coutinho lança dúvidas sobre a continuidade do processo de recuperação da economia mundial. A alta dos juros teria tornado precária esta expectativa. Ninguém duvida, segundo o economista, que a "prime-rate" chegará a 13,5% até setembro, o que reduzirá a demanda de bens duráveis nos países desenvolvidos, com efeitos desfavoráveis para as exportações brasileiras.

Em poucas palavras, portanto, a Carta do Conselho Regional de Economia diz que a política monetária está equivocada, a recessão vai continuar, a produção agrícola será um desastre e a inflação não vai cair. O leitor que a tudo isso somar o impasse político seguramente perde o sono.